

EXPERIÊNCIAS DA PSICOLOGIA NA EJA: O ESTÁGIO DE LICENCIATURA DA UFG/CAMPUS CATALÃO

Tânia Maia BARCELOS
Andréia Aparecida FERNANDES
Gessiara Jesus PEREIRA
Angélica Lino PINTO
Lucas Augusto Carvalho RIBEIRO
Juliana Mesquita SILVA
Érika Ramos Abrahão SILVA
Hilara Almeida TONACO

Resumo: Neste artigo são apresentadas e discutidas experiências do Estágio de Licenciatura, desenvolvidas por um grupo de estudantes do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão, em 2012. O estágio foi realizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública da cidade de Catalão/Goiás e possibilitou a apreensão crítica da realidade escolar/educacional e a atuação dos alunos no campo da docência em Psicologia, especialmente, no Ensino Médio. O artigo apresenta três experiências que abordam os seguintes temas: racismo, sexualidade, saúde e transtornos alimentares. As reflexões visam contribuir com o processo de formação dos alunos da EJA, na luta em defesa da vida e contra as formas de subjetivação que geram exclusões e preconceitos nefastos.

Palavras-chave: Psicologia, EJA, Temas Transversais.

Abstract: This article presents and discusses experiences undertaken at the stage teacher training course, developed by a group of Psychology students of the Federal University of Goiás / Campus of Catalão, in 2012. The stage was held in the Education of Youth and Adults (EJA) of a public school in Catalão and enabled the trainees apprehend the local reality of school and of education. The performance of students in the field of teaching in psychology, especially in high school, was also seen. The article presents three experiments that address the following themes: racism, sexuality, health and eating disorders. The reflections aim at contributing to the process of training students of EJA in the struggle in defense of life and against the forms of subjectivity that produce harmful prejudices and exclusions.

Keywords: Psychology, Education of Youth and Adults (EJA), Transverse Themes.

Este artigo apresenta e discute experiências de estágio desenvolvidas por um grupo de estudantes do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão (UFG/CAC), em 2012. O estágio, voltado para a Licenciatura em Psicologia, foi realizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Estadual Maria das Dores Campos², situado no Bairro Ipanema da cidade de Catalão/Goiás, a qual tem, aproximadamente, 90.000 habitantes. O objetivo do estágio é possibilitar aproximações dos alunos com a realidade escolar/educacional e sua apreensão crítica, tendo em vista a atuação no campo da docência, especialmente, no Ensino Médio.

Essa proposta tem gerado inúmeros desafios em função da ausência da disciplina Psicologia no processo de formação dos estudantes; ao mesmo tempo, proporciona diversas interlocuções com outras áreas do conhecimento (Filosofia, Sociologia, Biologia, História, Literatura etc) e com os temas transversais previstos nas orientações curriculares nacionais vigentes da Educação Básica.

²A Escola Estadual Maria das Dores Campos atende, aproximadamente, 900 alunos e funciona nos períodos matutino, vespertino e noturno. A EJA foi implantada em 2000.

A realização do estágio da licenciatura busca atender às Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia (2011)³, que orientam as práticas de formação do professor e defendem a construção de articulações com outras áreas do saber, a compreensão da complexidade da realidade educacional, bem como a implementação de modos críticos e criativos de reflexões nos contextos educacionais. Tais diretrizes preveem, também, que os conteúdos trabalhados em sala de aula “estimulem a reflexão sobre a realidade escolar brasileira e as articulações com as políticas públicas educacionais e o contexto socioeconômico mais amplo”⁴.

Buscando atender a essas diretrizes, o estágio realizado pelos alunos do Curso de Psicologia da UFG/CAC propõe práticas educativas que contribuam, efetivamente, com os processos de formação dos alunos do Ensino Médio, possibilitando espaços transversais de diálogos e reflexões críticas sobre temas urgentes e necessários. Procuramos construir uma Psicologia distante das perspectivas psicologizantes e reducionistas, as quais são criticadas por diversos autores⁵, mas ainda estão presentes nos espaços de atuação do psicólogo. Apostamos em uma psicologia crítica, aberta às interfaces com outras áreas do conhecimento e atenta à realidade concreta em que vivemos.

A escolha pela Educação de Jovens e Adultos se deu em função de experiências realizadas anteriormente no Colégio Estadual Maria das Dores Campos, instituição parceira da UFG/CAC há vários anos. A partir dos contatos com a escola (diretora, alunos e professores da EJA), propusemos projetos de docência que abordaram os seguintes temas: racismo, sexualidade, saúde e transtornos alimentares. Os temas foram escolhidos a partir das aproximações com a escola-campo e dos diálogos com os professores responsáveis pelas disciplinas em que foram realizadas as práticas do estágio de Licenciatura em Psicologia. Cada tema foi desenvolvido por uma dupla ou um trio composto por alunos do quarto ano de Psicologia.

O Racismo nosso de cada dia

Esse tema foi desenvolvido em parceria com a disciplina Sociologia, nas turmas do segundo ano da EJA, por meio de três regências. O tema foi sugerido pelo professor, que nos apresentou a necessidade de se fomentar as reflexões sobre o racismo ainda presente no cotidiano dos alunos e considerado um grave problema histórico e cultural. O desafio levou-nos a perguntar de que modo faríamos esse diálogo com os alunos da EJA; como fazer interlocuções desse conteúdo da disciplina Sociologia com a Psicologia?

Pautamos nossa prática pedagógica nas orientações da Resolução nº 018/2002 do Conselho Federal de Psicologia, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação

³ Resolução nº 05 de 15 de março de 2011. CNE/Câmara de Educação Superior.

⁴ Idem.

⁵ Como exemplo, citamos: BOCK (2009) BOCK, FURTADO, TEIXEIRA (2012); PATTO (2002 e 2005); MEIRA e ANTUNES, org. (2003); AQUINO (2000).

racial. Tal resolução defende como princípio ético da profissão a contribuição do psicólogo na criação de condições que visem eliminar a opressão e a marginalização do ser humano, na promoção de reflexões sobre o preconceito e eliminação do racismo. De acordo com essa resolução, os psicólogos não poderão: colaborar com eventos ou serviços de natureza discriminatória; contribuir para o desenvolvimento de culturas institucionais discriminatórias; utilizar instrumentos ou técnicas psicológicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas, estereótipos ou discriminação racial; pronunciar ou participar de pronunciamentos públicos que reforcem o preconceito racial.

Assim, compreendemos que a Psicologia, no contexto escolar, deve contribuir para a desconstrução das práticas que reforçam preconceitos/discriminações e a construção de novas formas de subjetivação. Orientados por essa postura, planejamos as três regências sobre o racismo, percebido como prática preconceituosa e discriminatória das pessoas negras presentes em nosso país há mais de cinco séculos.

Na primeira regência, trabalhamos os aspectos históricos do racismo no Brasil, destacando as condições desumanas às quais os negros foram submetidos, sobretudo, no período colonial: a comercialização, a escravidão, os castigos utilizados, as senzalas, as formas de violência etc. A aula teve o objetivo de introduzir o tema e contextualizar as práticas do racismo no Brasil. Como estratégia metodológica, utilizamos imagens retiradas da *internet* que mostram o trabalho dos escravos, os açoites e o transporte nos navios negreiros.

A segunda regência abordou as formas históricas de preconceito contra os negros no Brasil. Para isso, utilizamos um vídeo da TV Futura, feito em parceria com o Conselho Federal de Psicologia⁶, que mostra os preconceitos cristalizados e os atuais, que são velados por meio de brincadeiras, piadas e termos pejorativos. Esse vídeo apresenta depoimentos de pessoas negras que experimentaram alguma forma de discriminação ou violência e mostra as consequências históricas da escravidão em nosso país. É perguntado se há racismo no Brasil ou se o entrevistado já sofreu alguma agressão por causa do racismo. O vídeo também discute a presença dos negros na universidade, em cargos de chefia e no parlamento. A utilização desse vídeo como estratégia metodológica foi interessante, pois despertou diversas reflexões e propiciou depoimentos de alguns alunos presentes na sala que já viveram algum tipo de preconceito ou discriminação.

A última regência abordou o racismo cotidiano, a partir da discussão sobre a crônica “Racismo”, de Luís Fernando Veríssimo⁷. Depois de uma leitura dinâmica da crônica, fizemos uma discussão crítica sobre as atitudes preconceituosas disfarçadas nas brincadeiras e apelidos; atitudes que geram exclusão, negação do racismo e sentimentos de inferioridade. Nesse momento, mais uma vez, as pessoas negras presentes na sala de

⁶ Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=vqZlriXBeEw>>. Acesso em abril de 2013.

⁷ Disponível em <<http://www.libertas.com.br/site/index.php?central=conteudo&id=1851>>. Acesso em abril de 2013.

aula falaram sobre seus sentimentos e exclusões. Foi um momento importante do estágio, que nos fez perceber a necessidade de escutar os alunos e partilhar experiências na sala de aula.

O estágio permitiu-nos perceber algumas dificuldades cotidianas da prática docente, no contexto da escola pública, como a precariedade da infraestrutura, que dificulta o uso de um equipamento como o *data-show*. Apesar do apoio e da colaboração da escola, lidar com a realidade concreta levou-nos ao aprendizado do improvisado e do enfrentamento de situações inusitadas presentes, a todo instante, na prática do professor. Percebemos, também, dificuldades na busca de conteúdos e estratégias metodológicas adequadas à realidade dos alunos e ao tema proposto, que exige leituras e diálogos críticos com a Psicologia. Exemplo disso foi o uso de uma letra de música que, inicialmente, parecia adequada, mas apresenta uma visão confusa que pouco contribui com o avanço das discussões propostas. Ao contrário, a letra acaba reforçando, de alguma maneira, certa concepção do racismo – como se essa prática fosse uma questão de inteligência.⁸ Isso foi percebido por meio da avaliação da aula, feita com o professor da disciplina e a orientadora do estágio, que chamaram a atenção dos estagiários e das estagiárias para o planejamento das aulas seguintes.

Compreendemos que o debate, com os alunos, exige mais que o conhecimento dos conteúdos; é preciso aprender a ouvir o aluno, tarefa fundamental no processo ensino-aprendizado. Esse aprendizado ajudou a construir uma boa parceria com os alunos, o que facilitou a participação deles, inclusive por meio de depoimentos e relatos pessoais.

A colaboração dos alunos e do professor da disciplina, que acompanhou todo o processo e apresentou críticas ao trabalho, foi fundamental. Foi importante perceber que, na sala de aula, o conhecimento é uma via de mão dupla, pois, da mesma forma que o professor ensina, também aprende com o aluno e constrói caminhos diversos. É necessário estar aberto e disponível para ensinar e aprender com o outro. Na sala de aula, nem sempre o que é planejado é possível ser realizado; nem sempre os alunos participam da aula do modo como gostaríamos; nem sempre compreendem o que dizemos, nem sempre compreendemos o que eles dizem. A insegurança e a ansiedade, presentes, em vários momentos, sugerem novas direções metodológicas.

Por fim, aprendemos que ensinar exige mais do que o domínio do conteúdo e o manejo das estratégias de ensino. É necessário, também, aprender a problematizar a realidade, a lidar com as improvisações do dia a dia e a fazer interlocuções críticas com a Psicologia, o que pode contribuir, de diversas maneiras, para a formação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Sexualidade, mídia e cultura

⁸ Música intitulada Racismo é burrice. MTV ao vivo Gabriel O Pensador. Sony, 2003.

A escolha desse tema foi decorrente dos contatos com a professora da disciplina Biologia, área de interface com a Psicologia. Elaboramos o projeto de docência e delimitamos o tema, buscando focá-lo de forma biopsicossocial e numa perspectiva histórica e cultural.

Como afirma Kahhale (2001), é preciso injetar concepção histórica na leitura da sexualidade, pois ela possibilita a compreensão dos tabus e versões menos preconceituosas e moralistas, sem perder de vista a perspectiva de que, por necessidades sociais, foram criadas regras e formas para a sexualidade, ou melhor, inventaram a sexualidade. Ela tem seu lugar no corpo humano, mas não pode ser naturalizada, pois um corpo que se transforma não tem significações presas às funções biológicas. Para essa autora, debater sexualidade implica discutir normas sociais, cultura, e compreender as versões individuais de um tema social. “Implica tomá-la como uma construção histórica no âmbito das relações sociais, relacionada às formas de vida e às necessidades que a humanidade encontrou e/ou construiu” (KAHHALE, 2001, p. 189).

Assim, nesse estágio, procuramos perceber, de forma crítica, os processos de construção da sexualidade, principalmente, no contexto da atualidade. As aulas do estágio foram ministradas no terceiro ano da Educação de Jovens e Adultos, no período noturno. Nas regências foram utilizadas aulas expositivas, dialogadas e recursos audiovisuais, como o *data show* e a televisão.

Na primeira regência, introduzimos o tema, abordando o conceito e os aspectos histórico-culturais que constroem as diferentes formas de compreensão e manifestação da sexualidade. Nessa aula, discutimos o conceito de sexualidade, tomando como orientação os Parâmetros Curriculares Nacionais (2006), que apresentam a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, expressando-se no ser humano do nascimento até a morte. Buscamos apresentar uma concepção ampla de sexualidade, relacionada ao prazer e não restrita à função reprodutiva. “A expressão sexual é multideterminada, dinâmica e histórica, tanto individual como coletivamente” (KAHHALE, 2001, p. 180). Sua abordagem inclui a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids, da gravidez indesejada e a ruptura de tabus e preconceitos.

Ainda na primeira aula, afirmamos que as formas de compreensão da sexualidade são diversas e contextualizadas histórica e culturalmente; são complexas, simbólicas e imersas em sistemas de poder (TREVISAN, 2002). Exemplificamos isso por meio de algumas imagens da *internet*,⁹ que mostram como pessoas de outras culturas, indígenas e africanas, constroem formas de se viver a sexualidade diferentes das que experimentamos em nossa realidade. As imagens apresentam rituais de iniciação sexual de outras culturas (como a circuncisão feminina, as pinturas corporais, as máscaras, o isolamento das meninas no período menstrual) e, também, da nossa cultura, como o baile das debutantes para as meninas de 15 anos. Nessa aula,

⁹ Disponíveis em: <<http://anjoseguerreiros.blogspot.com.br/2009/04/mgf-mutilacao-genital-feminina.html>>; <<http://www.geledes.org.br/em-debate/colunistas/10771-as-pequenas-grandes-coisas-da-vida-a-africa-que-se-mostra-ao-brasil>>; <http://www.estadao.com.br/amazonia/indios_iniciacao_dolorosa.htm>; <http://pio12bp.blogspot.com.br/2012_10_01_archive.html>. Acesso em abril de 2013.

a discussão foi participativa e chamou a atenção dos alunos para o fato de que a sexualidade não é natural, não há um modo único de experimentá-la e que os padrões hegemônicos impostos discriminam e excluem as diferenças.

Na segunda regência, discutimos a sexualidade na perspectiva da psicanálise, que a concebe como processo construído desde a infância, com características específicas em cada momento: infância, adolescência e idade adulta. Abordamos, também, a sexualidade na velhice, que vem se modificando na atualidade, principalmente, em função dos avanços científicos e tecnológicos, que impõem novas formas de experimentação do corpo e da alteridade. Nessa aula, destacamos que a sexualidade é expressa por meio de gestos, pensamentos, palavras, afetos e relações com o outro. Historicamente, ela tem sido alvo de controle da família, da religião, da escola e da mídia.

Na última regência, discutimos sobre como a mídia produz os modos de manifestação da sexualidade no contexto atual. Afirmamos que a mídia informa, mas, também, gera inúmeros problemas, quando impõe modelos ideais de comportamentos, saúde e beleza para as crianças, adolescentes e adultos, em um país que comporta diversas culturas, linguagens e formas de existência. Destacamos, também, os prejuízos dos programas de televisão e das músicas eróticas que banalizam a sexualidade; assim como as consequências dos corpos exibidos nas passarelas, sem gorduras, manchas ou cicatrizes. Nessa aula, fizemos, ainda, uma rápida avaliação com os alunos, buscando perceber o que lhes havia chamado a atenção. Foram destacadas a sexualidade na infância e na velhice, ainda vistas com certa estranheza, e a produção da mídia dos modos de se viver a sexualidade na sociedade contemporânea.

No final do estágio, compreendemos que a nossa tarefa havia sido cumprida, quando um aluno, intrigado, perguntou-nos se é possível escapar dos controles impostos pelos meios de comunicação de massa. Entendemos a pergunta como indicação de que algo havia se passado nas aulas do estágio de Psicologia, que tem sido um espaço significativo de diálogos com outras áreas do conhecimento e de problematizações no campo da subjetividade, na contramão das práticas de psicologização da vida, ainda presentes nos contextos educacionais. Percebemos, também, que a experiência na EJA é importante para fomentar o debate sobre temas que contribuem para a formação dos alunos, como a sexualidade.

O debate com esses alunos - com realidades diferentes dos alunos dos períodos matutinos e vespertinos - colocou-nos desafios singulares, pois são adultos e possuem experiências diversas no campo da sexualidade. Esses desafios são fundamentais no processo de formação do psicólogo, que atua em vários contextos e precisa estar atento aos processos de subjetivação que ocorrem na realidade concreta do mundo em que vivemos.

Saúde e transtornos alimentares

O tema foi desenvolvido na disciplina Biologia, nas turmas do segundo ano da EJA. Mostraremos, a seguir, como se deu a aproximação com essa disciplina, os encontros e os desencontros ocorridos durante o processo.

Entramos em contato com a escola, com o objetivo de conhecer o ambiente, o funcionamento da instituição e estabelecer uma aproximação com os professores e os alunos da EJA. Depois de várias observações na escola, conversas com a professora responsável pela disciplina e da elaboração do projeto de docência, realizamos três regências sobre o tema saúde, enfatizando os transtornos alimentares: anorexia, bulimia e obesidade. Posteriormente, no decorrer das regências, os alunos manifestaram interesse pela saúde mental, levando-nos a preparar a última regência sobre os transtornos de ansiedade e depressão.

Justificamos a escolha por esse tema transversal, presente na formação dos alunos, por entender, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais (1996), que a saúde é produto e parte do estilo de vida e das condições de existência; a vivência do processo saúde/doença é uma forma de inserção humana no mundo. A saúde, em sentido amplo - bem estar físico, social, mental e uma dimensão essencial do desenvolvimento humano -, é um direito de cidadania que deve ser promovido em todos os espaços sociais. Por isso, é preciso conhecer e utilizar formas de intervenção sobre os fatores desfavoráveis à saúde, presentes na realidade, e agir com responsabilidade em relação à saúde coletiva. É necessário cuidar da saúde e adotar hábitos de autocuidado, respeitando as possibilidades e limites do próprio corpo. Assim, entendemos que há necessidade de reflexões críticas sobre a promoção de saúde, incluindo os hábitos alimentares, os cuidados com o corpo, os padrões de beleza e a saúde mental.

Na primeira regência, discutimos os conceitos de bulimia e anorexia, relacionando-os com o mercado e a mídia (televisão, *internet*, jornal, revistas) que vendem imagens padronizadas de corpo, saúde e beleza para serem consumidas pela população, de forma acrítica e aleatória. Imagens de pessoas jovens, saudáveis, longevas e atentas às formas físicas. Como afirma Costa (2004),

Tudo o que resta é correr atrás, sempre em atraso e de forma angustiante, do corpo da moda. Até, é claro, chegar a velhice e sermos convencidos a assumir uma outra bioidentidade, a da terceira idade, última tentativa bioascética de permanecer jovem, vital, por dentro da moda (p.197).

Nesse sentido, focamos, na segunda regência, o tema obesidade como um problema de saúde (sobretudo nos últimos anos, em função dos hábitos alimentares e da vida sedentária) e decorrente de vários fatores socioculturais a serem enfrentados na atualidade. Abordamos as consequências da obesidade, as formas de tratamento e a percepção crítica necessária diante da padronização dos corpos no mundo contemporâneo. Muitos alunos identificaram-se com as questões levantadas e relataram aspectos da vida

cotidiana que dificultam a aquisição de hábitos favoráveis à diminuição da obesidade e dos transtornos alimentares.

Nessa aula, utilizamos e discutimos a música Coisa Bonita (gordinha), do cantor e compositor Roberto Carlos¹⁰, que ressalta a beleza das mulheres gordas. Como ele diz, um quilinho a mais não é antiestético e passar fome não contribui em nada para a beleza. Lembrando artistas do passado, ele afirma que os mestres da arte, diante da formosura, não dispensavam o charme de uma gordinha em sua pintura. Quem foi que disse que tem que ser magra pra ser formosa? Além da importância do conteúdo da aula, destacamos seu aspecto lúdico, por meio da música, que zomba dos modelos dos corpos magros e supervalorizados pela publicidade.

A pedido dos alunos, o tema da terceira regência foi saúde mental, com foco nos transtornos de humor: ansiedade e depressão. Iniciamos a aula lembrando que o tema havia sido sugerido por eles e, em seguida, abrimos espaço para ouvir os alunos sobre a compreensão deles a respeito desses transtornos que, ultimamente, têm chamado a atenção de estudiosos/especialistas e gerado mal estar nas pessoas de modo geral.

Percebemos que o tema gerou certa excitação nos alunos, quando discutimos o conceito e as características principais de cada transtorno. A maioria comentou que apresenta sintomas semelhantes. Alguns disseram que já foram diagnosticados com esses transtornos, mas já estavam bem; relataram, também, como conseguiram melhorar e as dificuldades que enfrentaram. No final da aula, chamamos a atenção dos alunos para os cuidados com os diagnósticos desses transtornos, que devem ser feitos por profissionais e em locais especializados. Chamamos a atenção, também, para o uso indevido ou excessivo dos remédios psiquiátricos.

Por último, fizemos uma avaliação das aulas, perguntando aos alunos sobre as contribuições do tema debatido para a formação deles. Perguntamos, também, se haviam dúvidas e sugestões para futuros encontros. Os alunos avaliaram positivamente as aulas e disseram que as reflexões sobre a saúde contribuíram para a formação pessoal, na busca de hábitos saudáveis e qualidade de vida. Eles sugeriram outros temas para debates posteriores (família, educação dos filhos e síndrome do pânico) e perguntaram quando voltaríamos à escola. Agradecemos os alunos pela receptividade e fotografamos a turma, quase certos de que construímos bons vínculos com eles, o que facilitou o nosso trabalho e tornou a experiência gratificante.

No término das três regências, nos sentimos realizadas e com a sensação de dever cumprido. Acreditamos que essa experiência contribuiu para a formação dos alunos e para a nossa formação como psicólogas, colocando-nos desafios, limites e perspectivas. Os objetivos iniciais foram cumpridos: possibilitamos reflexões críticas sobre os temas transversais relacionados com a área da saúde e vivenciamos a docência em Psicologia. Enfrentamos as dificuldades e as surpresas que emergem no espaço da sala de aula,

¹⁰Letra de Roberto Carlos e Erasmo Carlos. CD Roberto Carlos (Nossa Senhora). Gravadora SONYBMG, 1993.

compreendendo que a Psicologia pode auxiliar na promoção de saúde, demanda fundamental na realidade educacional brasileira.

O estágio proporcionou aproximações com a área de Biologia e mostrou a necessidade de novos diálogos. Apontou, também, formas de atuação do psicólogo no contexto escolar/educacional que rompem com as intervenções tradicionais, focadas nas teorias psicológicas que pouco problematizam a produção concreta das formas de existência. O estágio permitiu vivenciar uma pequena faceta do cotidiano escolar e conhecer os desafios experimentados por alunos e professores da EJA. Percebemos que é preciso ser criativos e lidar com imprevistos, não abrindo mão do desejo de ensinar e aprender.

Considerações finais

Neste texto, procuramos mostrar e discutir experiências concretas realizadas na Educação de Jovens e Adultos, as quais, segundo Freitas (2007), exigem educadores com manejo de situações de grupo que fortaleçam redes de cooperação e tolerância à diversidade; educadores que saibam fazer reflexões micro e macrosociais que incidem sobre os processos educativos.

É nessa direção que buscamos desenvolver o nosso estágio, que possibilita o enfrentamento de alguns desafios e perspectivas de atuação no campo da licenciatura em Psicologia. Como percebemos, os desafios são muitos - por exemplo, a ausência da disciplina no currículo, as constantes interfaces com outras áreas do conhecimento, o número grande de estagiários, geralmente, quinze por turma. Apesar das dificuldades, as perspectivas são boas, pois somos desafiados, constantemente, por uma diversidade de temas, os quais nos forçam ao aprendizado do diálogo com outras áreas do saber, ampliam a formação dos alunos e abrem novas possibilidades de intervenção da Psicologia nos ambientes educativos.

Esse estágio possibilita colocar em prática o que Larocca (2009) diz sobre o ensino de Psicologia, o qual deve ser pautado na problematização do real e na luta contínua por uma vida coletiva mais justa e mais decente para todos os cidadãos. Possibilita, também, conhecer a realidade dos educadores da EJA, que, para Freitas (2007), vivem alguns paradoxos: têm diante de si um universo riquíssimo de experiências e vidas (dos alunos) e, muitas vezes, trabalham em condições precárias de instalação, iluminação, recursos, disposição física e atenção para aprender; vivenciam, muitas vezes, uma desvalorização silenciosa do seu trabalho (*status inferior*), pois lidam com alunos excluídos e expurgados do processo de aprendizagem; muitas vezes, temem que a exclusão e a desvalorização, também, sejam atribuídas a ele. Isso, para Freitas (2007), pode trazer repercussões psicossociais importantes, como os conflitos de aceitar e recusar, ao mesmo tempo, o processo e o alvo do seu trabalho.

Atentos aos aspectos concretos da realidade da EJA do Colégio Estadual Maria das Dores Campos, buscamos abordar os temas propostos: o racismo, a sexualidade e a saúde. Temas complexos e inseridos nos debates atuais das áreas de Psicologia e da Educação. Procuramos discuti-los na perspectiva dos direitos humanos e da cidadania, prática que aposta no ensino como atividade ética e pressupõe abrir-se para o outro, para o diferente e para o estranho. Um ensino,

Não como uma atividade centrada na transmissão de verdades, do que é a certeza, o aceito, o já pensado, o consensual, o que se dá como inquestionável. Ensinar como o ato de se abrir para questionar as certezas, as verdades, o aceito, o consenso, o que não se questiona. Ensinar pensado não como uma atividade que supõe uma hierarquia, uma desigualdade de saber entre professor e aluno, mas como uma atividade relacional, em que alunos e professor têm o que aprender um com o outro (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p.p 09 e 10).

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Por um ensino que deforme:** o docente na pós-modernidade. Texto disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em: 18 maio.2013.

AQUINO, J. G. **Do cotidiano escolar:** ensaios sobre a ética e seus avessos. São Paulo: Summus, 2000.

BOCK, A. **Psicologia e o Compromisso social.** São Paulo: Cortez, 2009.

BOCK; FURTADO; TEIXEIRA (org.). **Psicologias:** uma introdução ao estudo de Psicologia. 13ª edição. São Paulo: Saraiva, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 018/2002.** Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF. Acesso em: 18 maio. 2013.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura:** corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FREITAS, M.F.Q. Educação de jovens e adultos, educação popular e processos de conscientização: intersecções na vida cotidiana. In: **Educar.** Curitiba: Editora UFPR, 2007, n. 29, p. 47-62.

KAHHALE, E. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência. In: BOCK; GONÇALVES; FURTADO (org). **Psicologia sócio-histórica:** uma perspectiva crítica em Psicologia. São Paulo: Cortez. 2001.

LAROCCA, P. Ensino de Psicologia e seus fins na formação de professores: uma discussão mais que necessária. In: **Temas em Psicologia,** 2009. Vol. 15, no 1, 57 – 68.

MEIRA; ANTUNES (org.). **Psicologia escolar:** teorias críticas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros **Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEB, 2000.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

_____. **Exercícios de indignação**: escritos de Educação e Psicologia. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005.

TREVISAN, R. **A sexualidade humana**: uma visão histórico-social. Texto disponível em: <http://www.ritatrevisan.com.br/pdf/artigos/a-sexualidade-humana.pdf>. Acesso em: 14 maio.2012.